

«TRIBUTO A ANTÓNIO FEIJÓ»

(Ponte de Lima, 17/06/2016- 21,00h – Biblioteca Municipal)

«Tributo a António Feijó» é o título da parte desta sessão, em que tenho a honra de modestamente participar, correspondendo ao irrecusável convite que a Dr.^a Ana Carneiro, diretora desta Biblioteca, teve a gentileza de me fazer. Muito obrigado, Dr.^a Ana. Muito obrigado, também, a todos vocês, pela vossa presença e pela paciência que, certamente, irão ter em me aturar.

Deixando de lado significados como “impostos”, “contribuições financeiras” e “sofrimentos” que, segundo ensinam os dicionários, a palavra também referencia, *tributo* é também (lê-se no Houaiss) «expressão ou ato público como mostra de admiração e respeito por alguém», com sinónimo, «homenagem».

A melhor forma que, a meu ver, temos de *prestar tributo* ou *homenagem* este nosso ilustre conterrâneo é, além de recordar a sua vida e obra literária, ler e/ou reler os poemas que nos legou e que fazem parte do nosso património poético. Digo *nosso*, isto é, português e limiano. É neste sentido que se deverão entender este meu *contributo*.

Em duas vertentes principais se distinguiu, como sabem, António Feijó: como diplomata, profissionalmente discreto, mas dedicado e competente, por um lado; como insigne poeta que nos legou (nas palavras de David Mourão-Ferreira) «uma importante soma de poesia [...] que constitui um límpido repositório lírico, ora comovente, ora saboroso», por outro. [MOURÃO-FERREIRA, 1964: 2; 1969: 234]

A biografia de António Feijó pode ser repartida em dois períodos relativamente distintos.

O primeiro vai, digamos, desde o seu nascimento, a 1 de junho de 1859, aqui em Ponte de Lima, até ao final do curso de direito, em Coimbra, frequentado entre 1877 e 1883, com uma prévia passagem por Braga, onde fez os estudos preparatórios. É um tempo marcado pela vida de estudante, com as naturais experiências afetivas e boémias mais ou menos originais, a nível pessoal e/ou social.

O segundo período, falhada a vocação para advogado, é dominado pela carreira diplomática. Situa-se entre 1886, ano em que é nomeado Cônsul no Brasil, e o dia 20 de junho de 1917, data do seu falecimento, em Estocolmo.

Feijó começou a profissão de diplomata no Rio de Janeiro, passando depois pelo Rio Grande do Sul e Pernambuco. Entre 1891 e 1917, durante 26 anos consecutivos, exerceu funções de Cônsul Geral e de Encarregado de Negócios, em Estocolmo e em Copenhaga, para poucos anos depois, em 1906, ascender à categoria de Ministro Plenipotenciário.

Em 24 de setembro de 1900, tinha 41 anos, casa com Maria Luísa Carmen Mercedes Joana Lewin, uma belíssima jovem sueca de 22 anos, filha de pai sueco e mãe equatoriana. O casal teve dois filhos – António Nicolau e Joana Mercedes –, tratados, na intimidade, por familiares e amigos, por Tony e Ninette, respetivamente. Apesar de mais nova 19 anos que o marido, Carmen Mercedes faleceu, prematuramente, em 1915,

vítima de sofrida e prolongada doença. António Feijó não resistiu ao doloroso golpe: amavam-se profunda e intensamente. Dois anos depois, em 1917, o poeta sucumbia a um duro ataque de gota.

Virá a propósito recordar o poema «Eu e Tu», incluído no livro *Sol de Inverno – Últimos Versos*, de que falarei um pouco mais, adiante. Em versos alexandrinos, este poema aparece-nos repleto de sentimento amoroso e de uma subtil sensualidade. Nele se encontram, por outro lado, claras influências parnasianas e simbolistas.

«EU E TU

Dois! Eu e Tu, num ser indissolúvel! Como
Brasa e carvão, centelha e lume, oceano e areia,
Aspiram a formar um todo, - em cada assomo
A nossa aspiração mais violenta se ateia...

Como a onda e o vento, a lua e a noite, o orvalho e a selva
– O vento erguendo a vaga, o luar doirando a noite,
Ou o orvalho inundando as verduras da relva –
Cheio de ti, meu ser de eflúvios impregnou-te!

Como o lilás e a terra onde nasce e floresce,
O bosque e o vendaval desgrenhando o arvoredado,
O vinho e a sede, o vinho onde tudo se esquece,
– Nós dois, de amor enchendo a noite do degredo,

Como partes dum todo, em amplexos supremos
Fundindo os corações no ardor que nos inflama,
Para sempre um ao outro, Eu e Tu, pertencemos,
Como se eu fosse o lume e tu fosses a chama...»

[Cf. MARTINS, 2004: 371-372]

Os restos mortais de Carmen Mercedes e de António Joaquim de Castro Feijó (este era o seu nome completo) encontram-se no cemitério desta vila. Traslados de Estocolmo, primeiro, para Lisboa e, logo depois, para Ponte de Lima, em 1927, é sob a legenda tumular «O amor os juntou e nem a morte os separou» que se perpetua a memória do profundo amor que este casal entre si comungou.

António Feijó foi um homem que, mesmo enquanto diplomata, gostava de gozar a vida, do bem viver e de viver bem. A este respeito, Cândido Martins descreve o nosso poeta como tendo sido «*sempre um fidalgo culto e distinto, espirituoso e expansivo.*» Refere, a propósito, que não faltam «*os testemunhos que realçam a [sua] lucidez irónica e a saudável alegria, verdadeiramente contagiantes.*» E remata: «*Neste âmbito, são inúmeros os ditos graciosos e as situações anedóticas protagonizadas pelo poeta e diplomata limiano, homem folgazão, de convívio desejado, repetidamente alcunhado de “opíparo Feijó” (Guerra Junqueiro).*»

É sobejamente conhecida, entre outras, a «História dos Carecas de Faldejães». Mas, por outro lado, «*são famosas [também] as suas prodigalidades e paixões em*

matéria gastronómica, próprias de um requintado gourmet e de um homem apostado em fruir epicuristicamente os prazeres da mesa.» E Cândido Martins recorda carta de Emília de Castro, esposa de Eça de Queiroz, que *«preocupada com a frágil saúde do marido»*, fala do *«“temível” Feijó como responsável por desencaminhar os amigos íntimos para memoráveis e desmedidos repastos gastronómicos.»* [MARTINS, 2004: 9]

Para exemplificar este lado divertido e folgazão de Feijó, são de ler ou reler, por um lado, em primeiro lugar, *Bailatas*, de 1907, e *Novas Bailatas*, publicado, postumamente, em 1926. Depois, entre outros, o belo livro *O Mistério da Estrada de Ponte de Ponte do Lima – António Feijó e Eça de Queiroz*, de A. Campos Matos. E de Luís Dantas, *António Feijó – A Boémia Estudantil e os Primeiros Versos*, publicado em 2008.

O pessimismo que se encontra, com frequência, em muitos poemas de Feijó é, por isso, mais aparente que real. Ou, melhor, é mais estético que ético. E convirá recordar, por outro lado, que o sujeito poético raramente se confunde com o sujeito histórico.

Falarei das *Bailatas* mais adiante. De momento e como espécie de separador da segunda parte deste tributo e invocação do nosso poeta, ouçamos este divertimento, onde Feijó, jogando com os nomes das notas musicais, por um lado (I), e com a repetição de sons que lembram o toque de um trompete ou talvez um cornetim, por outro (II), cria, simbólica e onomatopaicamente, dois pequenos poemas, onde ressaltam uma fina ironia e um subtil erotismo.

«DÍPTICA
(Tempos de Valsa)

I

Quando te vejo, sol, fá, mi, ré, sol...
Vou-te seguindo continuamente
E lentamente como um girassol.

Tu vais caindo, mi, ré, sol, no poente,
Como grande girândola de vistas
Olhada pela curva duma lente...

Todo o passado, fá, mi, sol, conquistas.
Vitórias, sonhos, vejo tudo a arder
Numa grande fogueira de ametistas,

Que os teus Olhos fizeram acender.

II

Como dum jarro na invertida fauce,
Fi-ro-lá, fi-ro-lé,

De saia curta ao soluçar de Straus,
Desabrochava o teu elísio pé...
Fi-ro-lá, fi-ro-lé,

E eu, espreitando essa invertida fauce,
Fi-ro-lá, fi-ro-lé,
Junto à coluna onde escutava Strauss,
Sonhava a perna desse elísio pé...
Fi-ro-lá, fi-ro-lé,»

[Cf. MARTINS, 2004: 293-294]

Passemos à bibliografia (ativa, evidentemente) do nosso escritor (que não somente poeta, como se sabe), para recordarmos os seus livros e, em síntese, as suas principais características estético-poéticas.

De poesia, deixou-nos Feijó nove títulos. Foi a este modo literário que ele mais tempo e rigorosa atenção dedicou. A propósito, deixem-me recordar um fragmento de uma sua carta, datada de 4 de Agosto de 1890, estando em Ponte de Lima (a passar férias, certamente), dirigida ao seu íntimo e inseparável amigo Luís de Magalhães.

Em carta datada de 31 de julho, Feijó expôs o que chamava o seu «princípio estético», que resume na seguinte frase: «na minha estética *un vers n'est jamais bien quand'il peut être mieux.*» [Vo. I: 233] O amigo deve ter comentado, em resposta, este «princípio» de Feijó, que, logo de seguida, lhe responde:

«Querido Luís

As espirituosas conclusões a que te levou o meu princípio estético são rigorosamente lógicas, mas assentam em bases que ele não contém. Não quis estabelecer uma regra absoluta para *todos os artistas*; sintetizei num verso a minha norma de trabalho. Para mim um verso *não é bom se eu o posso fazer melhor*. Pode ter as sílabas todas e os acentos nos seus lugares, mas enquanto eu tiver elementos para o tornar mais perfeito, quero dizer, mais musical, mais colorido, mais expressivo ou imprevisto, não me devo dar por satisfeito. Não quer isto dizer que aspire à perfeição absoluta, porque o melhor verso meu, nas mãos dum artista mais poderoso, pode ser transformado num outro *muito melhor*. O meu princípio consiste pois em que cada artista deve esgotar todos os seus esforços para fazer o *melhor que puder*. [...]

[FEIJÓ, 2004 (I): 233-4.]

– **Sacerdos Magnus** foi o primeiro livro, se assim lhe podemos chamar, que Feijó publicou, em 1881. É um longo poema, de tonalidade épica e elegíaca, composto e recitado, em 1880, em Coimbra, durante as celebrações do tricentenário da morte de Camões. O poema aparece depois integrado no livro

– **Transfigurações**, publicado em 1882. Neste, Feijó reúne poemas escritos desde 1878. No brevíssimo «Prefácio», o jovem poeta (tinha 23 anos), explica que quis «arquivar», neste volume, «os versos escritos dos 18 aos 22 anos, que mais acentuadamente representassem as fases percorridas na evolução do meu [seu] espírito». Chama-lhes, por isso, «uma espécie de autobiografia», onde revela a «história» da sua «inteligência alargando-se gradualmente, pelo estudo, na

compreensão das modernas verdades científicas.» E, a propósito, cita «a influência» do «pessimismo de Schopenhauer e Leopardi», por um lado, e as «doutrinas largamente proclamadas de Augusto Conte e Herbert Spencer», por outro. [Cf. MARTINS, 2004: 35]

Cândido Martins, situa *Transfigurações* e *À Janela do Ocidente* (poemeto publicado em livro, em 1885, mas datado de 1884), na primeira das «etapas» ou «tendências» da evolução poética («caleidoscópica», assim a caracteriza) do nosso poeta. E sintetizando, explica:

«É uma poesia eivadamente filosófica e declamatória, próxima dum certo panfletarismo positivista. Ora surge enformada por uma tonalidade épica, ora perpassada por uma certa retórica romântico-positivista. Opta quase sempre por poemas longos, estruturados em versos alexandrinos, num estilo interjectivo e empolado, ainda distanciado da depuração formal do parnasianismo que mais tarde atingirá.» [MARTINS, 2004: 16]

Num livro como noutro, encontramos poemas da juventude, confessadamente escritos nos tempos de estudante em Braga e Coimbra.

Dada a extensão dos poemas, ouçamos um fragmento de «Esfinge Eterna», datado de 1880, recolhido em *Transfigurações*.

«Não basta unicamente ouvir dizer que Deus
Habita na região vastíssima dos céus.
Não basta compulsar os livros de Moisés,
Nem olhar como um crente os astros e as marés,
Ou saber que Israel passara o Mar Vermelho.
Não é suficiente a letra do Evangelho...
Para erguer a razão das trevas onde cai
Inflamem-se de novo as sarças do Sinai!
Que o saber alimente e eleve a inteligência!
Para tranquilizar a nossa consciência
Não basta simplesmente o que nos diz a fé:
O que ensinou Jesus e o que ensinou *Mahomet!*

Andam as religiões em continuada luta.
A fé encheu na Grécia a taça da cicuta,
Alevantou a cruz no cimo do Calvário,
E no doido furor de monstro sanguinário,
Para abafar a voz da ciência que troveja,
Encerrou Galileu nos cárceres da igreja;
E como um sacrifício ao Deus sombrio e fero
Mandou queimar João Huss e excomungou Lutero!

Vale mais do que a Bíblia e mais que o Alcorão
A radiosa luz duma constelação.
[...]

[Cf. MARTINS, 2004: 50]

Segue-se *Líricas e Bucólicas*, em 1884. Aqui, Feijó reúne poemas escritos entre 1876 e 1883. Ou seja, poemas escritos também antes de 1878, isto é, antes de *Transfigurações*.

A respeito desta coletânea, observa David Mourão-Ferreira [no programa radiofónico dedicado ao nosso poeta, transmitido em 22/VII/64 e mais tarde recolhido, com menos poemas e ligeiras alterações de redação, no livro de ensaios *Tópicos de Crítica e de História Literária*], o seguinte: «a poesia das Líricas e Bucólicas reveste-se de um particular interesse histórico-literário, na medida em que reflecte a ambição de criar uma poesia campestre, isenta das convenções tradicionais.» E exemplifica, com versos de «Fragmento duma Carta», incluído na secção «Bucólicas»:

«Hoje, para compor as éclogas silvestres,
Ninguém trata de ler nem compulsar os mestres.
Põe-se a gente à vontade e vai, a qualquer hora,
Ao acaso, ao desdém, pelas campinas fora,
Sem se preocupar com o que fez Vergílio.
Procura uma canção? Deseja algum idílio?
É simples; basta olhar, lançar a vista em roda
E abraçar, num momento, a Natureza toda.
Nos prados, na floresta, ao pé do rio, ao largo,
Na grandeza do mar profundamente amargo,
Na nuvem que atravessa o ar como uma vela,
No infinito do céu que às noites se constela,
Por toda a parte enfim, ouvindo esta linguagem,
A poesia rebenta indómita e selvagem
Como na primavera as erupções de flores!

Tem toda a liberdade o voo dos condores.
Que nos importa, pois, o que ensinava Horácio?
[...]

[MOURÃO-FERREIRA, 1964: 7; 1969: 236. Cf. MARTINS, 2004: 125]

Em 1890, publica *Cancioneiro Chinês*, com 2.^a ed., revista e aumentada, logo em 1903. O livro está dividido em quatro “capítulos” – chamo-lhes eu – correspondendo cada um a uma estação do ano. São poemas, criativa e intensamente trabalhados, que Feijó traduziu, não diretamente do chinês, mas do francês, a partir do *Livre de Jade* (editado em 1867), por Judith Gauthier. Trata-se, por isso, mais que de traduções, de recriações que o nosso poeta, seduzido também pelo exotismo oriental finissecular, primorosamente fez de cantares de poetas da dinastia Tang (séc. VIII). Nestas recriações, Feijó procura, como o próprio diz, «resgatar por intuições e imagens uma beleza gráfica, pictural, intraduzível». Mas nelas encontramos, por um lado, «uma depuração parnasiana» e, por outro, «um vago simbolismo», regista Cândido Martins. [MARTINS, 2004: 18]. Daí que Feijó não consiga, observa Mourão-Ferreira, «disfarçar», no *Cancioneiro*, os seus «temas predilectos». Por exemplo, a beleza romântica da mulher, de uma mulher que, de «moça e bela», um dia ficou «Flor esquecida, que tombou no lodo».

«O BATEL DAS FLORES

Essa mulher que vês naquele barco
É moça e bela. As sobranceiras pretas

Parecem, na elegância do seu arco,
As antenas subtis das borboletas.

Versos improvisando e rimas puras,
Que ao som da sua flauta concebia,
Entre os astros e as nuvens, nas alturas,
Os Sábios impassíveis comovia.

– “Flor esquecida, que tombou no lodo,
Ninguém, junto de mim, ousa parar...
E os que passam, afastam-se de todo,
Sem um suave, enternecido olhar...”

Os arrozais na húmida campina
São mais felizes são... E há quem, decerto,
Quando os trigais florescem, imagina
Ver nos meus lábios o sorriso aberto!

Mas o riso suave de outros dias
Já não pode em meus lábios florescer...
Instrumento de impuras alegrias,
Joguete lamentável de prazer,

Se algum desconhecido viandante
Desprende a amarra do Batel das Flores,
Pensa que leva um sonho fascinante
E somente conduz as minhas dores!”»

[Cf. MARTINS, 2004: 184; MOURÃO-FERREIRA, 1964: 7-8.]

Ilha dos Amores é publicado em 1897. Mas além do conjunto de poemas sob este título, Feijó inclui, ainda, no mesmo volume, mais três. O primeiro é «*Auto do Meu Afecto*», datado de 1887. São XXIX pequenas oitavas, apenas numeradas, introduzidas por um «Prelúdio». O objeto poético de todos estes versos é, de novo, uma mulher que o sujeito poético ingenuamente amou e de quem, todavia, continua a sentir saudades. Feijó encontrava-se, então, no «exílio» de Pernambuco. Por isso, começa assim:

«Ao luar dormente, ao luar dos trópicos, no exílio,
Sobre um terraço à beira-mar,
Procurei na memória as rimas deste idílio,
– Contas perdidas dum colar...»

[Cf. MARTINS, 2004: 227]

Ao segundo conjunto, não datado, o nosso poeta dá o título de «*Alma Triste*». É aqui que encontramos o poema «Domingo em Terra Alheia», onde o poeta, já em Estocolmo, expressa as saudades que sente da querida terra natal e suas tradições:

«Domingo triste, protestante e frio...
Onde estais vós, Domingos de outros anos,

Adro da minha Igreja, alamedas do rio,
Dias santos de sol católico-romanos?»

[Cf. MARTINS, 2004: 237]

De referir, ainda, que é na «Alma Triste» que se encontra «Inverno», cujas quadras da segunda parte foram adotadas como hino de Ponte de Lima:

«Nasci à beira do Rio Lima,
Rio saudoso, todo cristal;
Daí a angústia que me vitima,
Daí deriva todo o meu mal.»

[Cf. MARTINS, 2004: 237]

O terceiro conjunto, intitulado «Durante a Procela», não vem referido na capa do *Ilha*. São oito sonetos, de cariz romântico, seguidos de um «EPÍLOGO», introduzido pela seguinte epígrafe:

«AQVI JAZ FEIJOO ESCVDEIRO
BOM FIDALGO E VERDADEIRO
GRAN CAZADOR E MONTEIRO»

Trata-se, segundo informa Feijó, de «Epitáfio duma sepultura no Mosteiro de Celnova». [Cf. MARTINS, 2004: 263]

O nosso poeta vai glosando estes versos epitáficos, ao longo do poema. Nele retrata, com «inveja», um seu antepassado galego («avô» Ihe chama), tão amante da boémia e do bem viver e do viver bem, quanto o nosso limiano cantor. O poema é longo, mas de um sabor e graça especiais.

«A Casa bem provida,
A tulha cheia, a adega a transbordar...
Como foi bela a tua vida,
E como o teu destino é de invejar!

Sem amarguras nem cuidados,
Nas tuas terras da Galiza,
Passaste a vida a montar veados,
Alegremente, descuidadamente,
Como um doce regato que desliza,
Cantando entre ravinas e valados,
No seu leito de areia alvinitente.

Bom fidalgo e verdadeiro,

Eras sadio e forte,
Nobre, ingénuo, leal, corajoso a valer;
E, – ventura suprema, ou galardão da Sorte! –
Suponho até que nem sabias ler!

Gran cazador e monteiro,

Não conhecias códigos nem lei;
 Mas se o rude invasor vinha a Pátria ameaçar,
 Sabias com ardor bater-te pelo Rei
 E nobremente o sangue derramar!

Bom fidalgo e verdadeiro,

Finda a campanha, aos teus domínios regressavas,
 Com a tua mesnada heroica e bela,
 Teu pendão e caldeira;
 E aos teus servos atónitos contavas,
 Em volta da lareira,
 As proezas dos nobres de Castela
 Nas guerras da fronteira.

Passaste uma existência sem cuidados,
 Sem a tortura atroz do Pensamento,
 A montar javalis, a perseguir veados,
 E a derrubar cachopas nos valados
 Entre o centeio verde a baloiçar-se ao vento...

*Bom fidalgo e verdadeiro,
 Gran cazador e monteiro,*

Como foi bela a tua vida
 E como o teu destino é de invejar!
 Com a paz do Senhor, a casa bem provida,
 A tulha cheia, a adega a transbordar...

Se visses em que linfa miserável
 Se transformou teu sangue generoso,
 Ó meu avô! o teu braço indomável
 Caíra de vergonha, inerte e pesaroso!

Formado entre sorrisos cortesãos
 Num tempo de elegância efeminada,
 Nem com ambas as mãos
 Poderia empunhar a tua espada!

*Teu neto, bom fidalgo e verdadeiro,
 Nem caçador, nem monteiro!...*

Tenho medo do sol, do mar, das tempestades,
 E enchem-me de terror, pelas noites caladas,
 Os cães a uivar no pátio das herdades,
 O grito dos pavões e o rugir das levadas!

Sou daqueles que passam a existência
Sofrendo imaginários pesadelos...
Quantas vezes os dedos da Demência
Têm desgrenhado os meus cabelos!

Mas... sei ler e contar. Fiz estudos às largas;
Li, pensei, meditei... que sei eu do que existe?
Dos livros só tirei desilusões amargas,
E das contas que fiz... desigualdade triste.

A montanha da Vida às cegas escalando,
Se ao vértice cheguei, que posso concluir?
Nasci, não sei por quê, e à toa caminhando,
Ignoro onde me leva o incógnito porvir;
Só sei que hei-de morrer, mas nem sequer sei quando...
Não era bem melhor, a tua vida imitando,
Sob o mesmo epitáfio, ó meu avô, dormir?!

*Bom fidalgo e verdadeiro,
Gran cazador e monteiro,*

Ah, como o teu destino é de invejar!
Como foi boa a tua vida!
Tinhas a tulha cheia, a adega a transbordar,
A casa bem provida...
E tinhas Deus para te consolar!

[Cf. MARTINS, 2004: 263-265]

Bailatas, publicado em 1907, último livro que Feijó publicou em vida, deve ser, pela temática e construção poética semelhantes, referido ao lado de **Novas Bailatas**, postumamente publicado, em 1926. O nosso poeta assina-os, porém, com o curioso pseudónimo de Inácio de Abreu e Lima, que se apresenta, como «primo [de] Calisto Elói, da casa e linhagem de Agra de Freima», a célebre personagem camiliana de *A Queda de um Anjo* (1865/6). Pseudónimo que, segundo Mourão-Ferreira, «era praticamente um heterónimo, no sentido em que Fernando Pessoa viria depois a pôr em voga esta palavra. E esse heterónimo de António Feijó, na grande linha da nossa poesia satírica que vem das “cantigas de escárnio” até ao Abade de Jazente e de Nicolau Tolentino a Alexandre O’Neil, é afinal de contas uma implacável testemunha do universo mundano em que finge integrar-se.» [MOURÃO-FERREIRA, 1969: 234-235]

A propósito da poesia em geral do nosso poeta e, em particular, destes dois livros, observa Mourão-Ferreira que, neles se encontram «os ecos de um certo pessimismo finissecular» e as «pertinentes denúncias de clamorosas injustiças sociais». Mas acrescenta de imediato que «o mais constante, apesar de tudo, ainda será um espírito de amor à vida, uma risonha atitude perante as pequenas dádivas da existência e, em certos casos, uma crítica irónica – mais corrosiva do que à primeira vista possa parecer – ao hipócrita estatuto por que se regiam os seus contemporâneos mais

afortunados», nomeadamente os «“elegantes” do seu próprio mundo», mesmo quando assume, «ficticiamente a sua [deles] perspetiva».

E para exemplificar este lado humorístico e satírico, em que, simultaneamente, disfarça sua condição aristocrática, Feijó escreve «MUNDANA», uma espécie de autorretrato do sujeito poético, que passa os dias em vida fácil e facilitada.

«MUNDANA

Todos os dias me levanto
Às 9 da manhã; e como um raio,
Tomo o meu banho, faço a barba, canto,
Leio os jornais, fumo um cigarro, e saio.

Vou almoçar num restaurante à moda:
Dois ovos, peixe, costeletas, fruta,
E um cálice de *whisky* com limão e soda...
Assim disposto, recomeço a luta.

Primeiro corro ao Alfaiate para
Examinar tecidos, figurinos...
A Moda é sempre caprichosa e cara,
Como todos os vícios femininos.

Como me fica à mão, passo também
Pela florista, de quem sou escravo;
– Ninguém como ela faz um ramo, nem
Mete melhor na botoeira um cravo.

Depois, o sapateiro, o mentiroso
Mais descarado que gerou o asfalto;
E enfim, o chapeleiro, homem precioso
Para os *huit-reflets* do chapéu alto.

Volto de novo a casa, mudo de fato,
E – *le jour de ces dames* vou seguir...
Mesuras, frases do mais fino trato,
– Banalidades de morrer a rir!

Vou ao *Cercle* depois pôr a casaca,
(Que o meu criado para lá levou)
E o *papillon* sobre a anilina opaca
Duma camisa que *Doucet* talhou.

De flor ao peito, uma gardénia rara,
E uma pérola enorme no plastrão,
Monóculo sem fita, luva clara,
Tudo numa subtil combinação,

Chamo um *coupé*, meto-me dentro, e toca!
Dîner en ville! Convidados, damas,
 Tudo o que a Moda de elegante invoca,
 – Decotes pondo em nossos olhos chamadas.

Ao teatro vou também, mas raras vezes,
 Quando não tenho a noite prometida;
 – É distração mais própria de burgueses
 Do que de gente fina e bem nascida.

Mas em noites de “Lírico” não falto;
 Vai *toda a gente conhecida*, toda;
 Correm-se os camarotes, fala-se alto...
 A Ópera, que importa? É moda, – é moda!

Vou ao *Cercle*, depois, findar prazeres:
 Tomo chá com torradas, jogo, leio,
 E a ouvir falar de *sport* e de mulheres,
 Todo a pingar de sono, cabeceio.

Às 3 horas recolho-me e adormeço,
 Quando exausto de forças sucumbia;
 Mas na manhã seguinte recomeço
 Este penoso afã de cada dia!

E muita gente inveja o D. Inácio
 De Abreu e Lima, com solar no Minho!
 Se a alguém atraí este destino, abrace-o!
 Para tal profissão, tudo é caminho!»

[Cf. MARTINS, 2004: 288-290]

E chegamos ao ***Sol de Inverno***. Com o subtítulo de ***Últimos Versos***, o livro foi publicado em 1922 (postumamente, portanto), mas encontrava-se pronto para edição em 1915, ano em que, recorde-se, lhe morreu a amada esposa. Quando deu por concluída a organização da coletânea, já Carmen Mercedes teria falecido ou, então, os sinais do seu degradado estado de saúde seriam evidentes. O sofrido marido dedica-lhe, contudo, o livro, fazendo acompanhar a dedicatória dos seguintes versos alexandrinos:

«*Folhas mortas de outono ou de inverno precoce,
 No teu regaço amigo, estes versos deponho,
 Para que o teu amor lhes dê vida e remoce,
 Porque a Arte começa e acaba num sonho...
 É pouco; mas eu torno a homenagem mais bela,
 Pondo, como uma flor, nas folhas sem aroma,
 O verso em que Martial diz à Esposa Marcela:
 Tu, tu só, para mim, vales mais do que Roma!*»

[Cf. MARTINS, 2004: 355]

Sol de Inverno é considerado, pelos melhores críticos e estudiosos da obra poética de Feijó, o seu melhor livro. Cândido Martins considera-o «uma verdadeira obra-prima, síntese de um lirismo magoado e nostálgico, profundamente outonal e crepuscular» [2004: 12], mas onde se manifesta «uma sincrética assimilação de tendências poéticas diversas, por vezes sobrepostas, de forma matizada e em distintos graus de adesão.» [*Ibid.*: 21]

Por sua vez, Mourão-Ferreira regista que é neste volume que «a sensibilidade de Feijó, rudemente posta à prova pelo longo exílio escandinavo, que a um tempo o encantava e constrangia, se manifesta na mais plena e iniludível posse dos seus meios de expressão.» E continua: «A sua voz, nos poemas deste livro, transcende, pelo constante recurso ao Símbolo, a ilusória ambição de uma poesia directa, como a das *Líricas e Bucólicas* e, por outro lado, a necessidade de se encobrir sob um heterónimo, para disfarçar ou ridicularizar os próprios sentimentos, como aconteceu nas *Bailatas*.» E conclui: «Por meio do Símbolo, António Feijó, simultaneamente, oculta e descobre o que há de mais íntimo em si. Por isso mesmo, quando nos fala do “Cisne Branco, esquecido a sonhar no alto Norte” e que se vê, “ao despertar, das neves prisioneiro”, nós sentimos perfeitamente que é de si próprio que ele fala...» [1964: 8; 1969: 236-237]

«CISNE BRANCO

Cisne branco, esquecido a sonhar no alto Norte,
Vendo-se, ao despertar, das neves prisioneiro,
Ergue os olhos ao céu, enublados de morte,
Mas o sol já não vem romper-lhe o cativo.

O gelo, no lençol todo imóvel das ondas,
Em que a aurora boreal põe reflexos de brasas,
Deslumbra-lhe um momento as pupilas redondas,
Dá-lhe a ilusão do sol, mas não lhe solta as asas.

Vê que o torpor do frio o invade lentamente;
Debate-se, procura o cárcere romper;
Mas a asa é de arminho, o gelo é resistente:
Tem as penas em sangue e sente-se morrer.

Então põe-se a cantar, sem que ninguém o escute;
Solta gritos de dor em que lhe foge a vida;
Mas essa dor, se ao longe um eco a repercute,
Parece uma canção no silêncio perdida...

Melodia que a voz da Saudade acompanha,
Amarga e triste como o exílio onde agoniza,
Longe do claro sol que outras paisagens banha,
Dos rios e do mar que outra alvorada irisa.

Voz convulsa a chorar perdidas maravilhas:
– Tardes ocidentais de sanguínea e laranja,

Noites de claro céu, como um mar cheio de ilhas,
Manhãs de seda azul que o sol tece e desfranja!

Mas ao longe, à distância onde a leva a Saudade,
Tão esbatida vai essa triste canção,
Que não desperta já comoção nem piedade:
Encanta o ouvido, mas não chega ao coração.

E o Cisne, abandonado ao seu destino, expira,
Alucinado e só, sob o silêncio agreste,
Pensando que no azul, como um mar de safira,
Os astros a luzir são a geada celeste...

[Cf. MARTINS, 2004:378-379]

Feijó teve justamente o seu “canto do cisne”, nos poemas de *Sol de Inverno*. Aliás, na composição que encerra o volume – e que se intitula “A Lenda dos Cisnes” –, o poeta retoma o mesmo Símbolo, como que para descrever, pressagamente, a sua própria morte. Ouçamos apenas, dado tamanho do poema, este significativo fragmento:

«A LENDA DOS CISNES

[...]

O Cisne, orgulhoso da graça divina,
Da Lira de Apolo as cordas afina,

E rompe cantando... Calaram-se as fontes,
Calaram-se as aves... As urzes dos montes

Tremiam de gozo a ouvi-lo cantar...
E o vento sonhava na espuma do Mar.

O Cisne cantava, tirando da Lira
Um hino que nunca na terra se ouvira;

Não para, nem sente, na sua emoção,
Que a vida lhe foge naquela canção.

Mas quando, entre nuvens, a tarde caía
No enlevo do canto que a essa hora gemia,

E Apolo no seio de Tétis desceu,
O pobre do Cisne, cantando, morreu...

Gemeram as aves; choraram as fontes;
Torceu-se nas hastes a giesta dos montes,

E o mar soluçava na tarde sombria,
Que o manto de luto com astros tecia.

Solícita espera-o, das águas à beira,
Do Cisne, já morto, fiel companheira;

Espera que o Esposo de pronto regresse
Mas treme e suspira, que a Noite já desce...
[...]

[Cf. MARTINS, 2004: 412-413]

Como sabem, os poemas de António Feijó encontram-se atualmente acessíveis a todos quantos os queiram ler e/ou estudar. E muitos já o fizeram e outros continuam a fazê-lo. Felizmente.

Os livros do nosso poeta permaneceram esgotados, durante largos anos, quer em edição autónoma, quer reunidos em **Poesias Completas**, volume editado em 1939, com 2.ª ed. provável em 1940. Recentemente, porém, em 2004, é feita uma nova edição das **Poesias Completas**, com «Prefácio e fixação de texto» de Cândido Martins. (A supervisão da ed. de 1939 coube ao poeta Afonso Lopes Vieira.) O volume está integrado na coleção «Caixotim Clássico», das Edições Caixotim (Porto). Cândido Martins faz notar que «*Esta nova edição das Poesias Completas segue fielmente a edição de 1939 (Lisboa, Bertrand)*», mas esclarece que manteve «*toda a organização externa e interna dos vários livros [...], bem como os textos críticos de Luís de Magalhães e de Alberto de Oliveira*». Introduziu, na transcrição dos poemas, apenas «alterações de pormenor», nomeadamente na «actualização do português». [MARTINS, 2004: 23]

No ano seguinte (2005), com «Prefácio, fixação de texto e notas» do mesmo professor-investigador, é publicado, também pela Caixotim, o volume **Poesias Dispersas e Inéditas**. Nele, Cândido Martins revela-nos um significativo conjunto de poemas de temáticas e qualidade poética diversas, precedido de um excelente estudo sobre a evolução da poética de Feijó. O livro está organizado em sete secções: «Juvenilia», «Poesia Épica», «Lira Chinesa», «Veia Cómica», «Lira Diversa» e «Lira Popular». Trata-se de poemas que o autor de *Sol de Inverno* foi publicando, «assiduamente em jornais e revistas, álbuns e outras obras colectivas, editadas desde finais de Oitocentos às primeiras décadas do séc. XX.» [MARTINS, 2005: 7] Ou seja, desde os tempos de estudante em Braga e Coimbra, teria 16/17 anos de idade, até ao tempo em que começou a exercer funções diplomáticas no Brasil e em Estocolmo.

Cabe referir que as edições das **Poesias Completas**, de 1939 e de 2004, como a edição das **Poesias Dispersas e Inéditas** tiveram o patrocínio da Câmara Municipal, o que a todos os títulos é de louvar e enaltecer. E – porque não? – também de agradecer.

Embora a principal atividade, como escritor, tenha sido a poesia, António Feijó dedicou-se também à tradução literária. Neste campo, verteu para português

- **A Viagem de Pedro Afortunado**, peça de teatro em cinco atos, do dramaturgo sueco Augusto Strindberg, publicada em 1906.

- **Viagem em Portugal, 1798-1802**, de Carl Israel Ruders, livro apenas publicado em 1981, com reimpressão em 1997. Em 2002, saiu uma edição completa desta obra em dois volumes.

Além disso, Feijó escreveu um «Relatório» com o título de

- **A Instrução Popular na Suécia**, publicado em 1897, com 2.ª ed. em 1901.

Mas além de poeta e tradutor, António Feijó dedicou-se também, intensamente, à epistolografia, trocando correspondência com os seus muitos e diferentes amigos. Sobressaem, neste domínio,

- ***Cartas a Luís de Magalhães***, em dois vols., publicados em 2004, pela IN-CM, também com o patrocínio da Câmara Municipal de Ponte de Lima. A «Apresentação, transcrição e notas» destas cartas é da responsabilidade de Rui Feijó, irmão de Álvaro Feijó e sobrinho-neto do nosso poeta. A obra termina com um «Posfácio de Luís de Magalhães», que mais não é que o artigo que o grande amigo de António Feijó publicou no jornal *O Dia*, a 23 de julho de 1917, ou seja, pouco mais de um mês após a sua morte que, recorde-se, ocorreu no dia 20 de junho do mesmo ano.

- ***Minhotos, Diplomatas e Amigos – A correspondência (1886-1916) entre o 2.º Visconde de Pindela e António Feijó*** sai, em 2007, sob a chancela DG edições. É outra obra a ter consideração.

Concluída a evocação da obra de António Feijó, talvez seja conveniente apresentar a visão que, embora sintética, fazem Mourão-Ferreira e Cândido Martins da poesia do nosso poeta.

David Mourão-Ferreira, em *Tópicos de Crítica e de História Literária*, escreve:

«António Feijó [...] é um daqueles poetas que dificilmente podem filiar-se nesta ou naquela escola, neste ou naquele movimento [literário].» E explica: «visceralmente romântico, no que se refere à preferência por certos temas – a noite, o outono, a morte, – foi todavia um clássico pela cultura, pela disciplina, pelas exigências de perfeição formal; por outro lado, tendo despertado para a criação poética em plena efervescência realista e parnasiana, um tanto sob a asa de Junqueiro, não menos sob o signo de João Penha, a breve trecho se vai mostrando, contudo, progressivamente permeável às difusas sugestões do simbolismo, – de um vago simbolismo que a princípio procura satirizar, mas em cujas malhas de indefinível sortilégio pouco a pouco se deixa envolver.» [MOURÃO-FERREIRA, 1964: 1; 1969: 233]

Cândido Martins, no excelente prefácio que escreveu para a reedição de *Poesias Completas*, vê, nos poemas de António Feijó, a «exemplaridade de uma poética caleidoscópica». Ou seja, a sua poesia «não se subsume numa tendência poética singular.» Daí que considere serem «bastante redutoras as tentativas de classificação que procuraram, por exemplo, restringir o poeta a expoente do parnasianismo português.» E conclui, com justiça e justeza: «a voz emocionada e romântica, ou bucólica e nostálgica, mas também virtuosa e humorada de António Feijó ficará para a história da literatura portuguesa como uma criação representativa da plural renovação do fim-de-século português.» [MARTINS, 2004: 22]

Para terminar este meu modesto contributo para o tributo que estamos a prestar ao poeta António Feijó, permitam-me que coloque esta questão: por que razões o nosso poeta, apesar do valor reconhecido por muitos estudiosos da poesia e literatura portuguesa, continua afastado dos manuais escolares, das seletas e antologias?

A questão não é nova. Já em 1964, há 50 anos, portanto, no programa radiofónico «Música e Poesia», que integrou uma secção intitulada «Pequeno Cancioneiro de Verão», David Mourão Ferreira, seu autor, depois de considerar a poesia de António Feijó, de um «extremo rigor quanto à expressão», afirmava que se ela «não

é das mais ignoradas do grande público, está contudo bastante longe de ter a audiência que merece.» [MOURÃO-FERREIRA, 1964: 1.]

Por sua vez, mais recentemente, no prefácio da reedição das *Poesias Completas* de 2004, perguntava-se, interrogando-nos, Cândido Martins: que leva a que, apesar dos «grandes elogios» que o nosso poeta tem recebido, ao longo dos tempos, de altas figuras da crítica, do ensaio, da criação, da investigação e da história literária portuguesa, continue a «estar hoje, ao mesmo tempo e infelizmente, tão marginalizada e esquecido?» [MARTINS, 2004: 8]

Responda quem souber.

Eu, pessoalmente, não sei responder. Melhor, não me cabe responder, aqui e agora. Digo apenas, para terminar, que o poema «Pálida e Loira», incluído no livro *Líricas e Bucólicas* (1884; Cf. MARTINS, 2004: 89), que aprendi a saber de cor, quando jovem estudante, continua a ser um dos sonetos mais belos da poesia em português escrita. Como sei que muitos e muitos outros poemas do poeta são de valor estético e poético semelhante. Que o tributo que hoje prestamos ao poeta António Feijó contribua para que esta injusta e ingrata situação seja rapidamente invertida!

«PÁLIDA E LOIRA

Morreu. Deitada no caixão estreito,
Pálida e loira, muito loira e fria,
O seu lábio tristíssimo sorria
Como num sonho virginal desfeito.

- Lírio que murcha ao despontar do dia,
Foi descansar no derradeiro leito,
As mãos de neve erguidas sobre o peito,
Pálida e loira, muito loira e fria...

Tinha a cor da rainha das baladas
E das monjas antigas maceradas,
No pequenino esquife em que dormia...

Levou-a a Morte em sua garra adunca!
E eu nunca mais pude esquecê-la, nunca!
Pálida e loira, muito loira e fria...»

[Cf. MARTINS, 2004: 89]

Muito obrigado!

Ponte de Lima, 17 de junho de 2016
David F. Rodrigues